

A Geografia Atual: A Objetividade Dada

A Geografia a Construir: A Objetividade a Vir-a-Ser*

Humberto Cardoso Gonçalves

1 - INTRODUÇÃO:

É evidente que o tema proposto sobre as questões do pensamento geográfico na atualidade induz mais a possibilidade de um ensaio interpretativo do que uma análise conclusiva. Longe de tentar se aproximar de qualquer das duas possibilidades, me permiti considerar, pelo menos, algumas análises abrangentes em relação as características gerais das diversas correntes do pensamento geográfico e os seus desdobramentos à luz do advento da pós-modernidade.

O presente trabalho consolida uma reflexão à partir das aulas de Epistemologia da Geografia Humana conduzida pelo Prof. Dr. Armando Correa da Silva do curso de Pós Graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Campus de Presidente Prudente, cujos textos foram a base teórica para esse trabalho.

2 - A GEOGRAFIA ATUAL: A OBJETIVIDADE DADA

A Geografia nas últimas décadas vem passando por um período de intensos debates sobre as diferentes correntes de pensamento envolvidos com a sua produção científica.

No nosso entender o debate teórico metodológico em desenvolvimento na Geografia vem ocorrendo intensamente à partir da década de 60 e 80.

* Trabalho da disciplina de Epistemologia da Geografia Humana, ministrada pelo Prof. Dr. Armando Correa da Silva do Curso de Pós-Graduação de Geografia-UNESP / Pres. Prudente-SP.

A nova Geografia e os paradigmas tradicionais são submetidos à severas críticas por parte de uma Geografia que tem como elemento unificador, a utilização do materialismo histórico-dialético como corpo teórico-metodológico de investigação da realidade.

As origens de uma Geografia Crítica que contesta o pensamento dominante e também a intenção de participar de um processo de transformação da sociedade, situam-se no final do século XIX, tendo como figura central o anarquista Elisée Reclus, pela qual não fez escola, sendo submergida pela geografia "oficial", isto é, a geografia possibilista-determinista é a Nova Geografia.

À partir da década de 60 verifica-se os países de capitalismo avançado o agravamento de tensões sociais originados por crise de desemprego, habitação e questões raciais. O que se pensava até então em termos de geografia não satisfaz, isto é, não mascara mais a dramática realidade.

Uma Geografia Crítica começa a se esboçar, congregando geógrafos que tinham se dedicado à Nova Geografia como, por exemplo David Harvey.

No caso do Brasil, a Geografia Crítica nasce no final da década de 70, cujo marco foi o III Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza (CE).

As contribuições da Geografia Crítica ainda em curso dizem respeito a interpretação com base na Teoria Marxista, de aspectos que tinham sido abordados pela Nova Geografia. Assim reexamina-se a questão da jornada de trabalho, de terra urbana, da habitação da localização industrial. Ela descobre o Estado e os demais agentes da organização espacial: os proprietários fundiários, os industriais, os incorporadores imobiliários etc.

A questão das relações entre o homem e a natureza, central no temário do determinismo ambiental e do possibilismo é também repensada à luz do marxismo.

A questão da região que é clássica na história do pensamento geográfico, é retomada pela Geografia Crítica.

Entre os avanços realizados pela Geografia estão aqueles associados a questão da organização espacial. Trata-se de ir além da descrição dos padrões espaciais procurando ver as relações dialéticas entre as formas espaciais e os processos históricos que modelam os grupos sociais.

O momento atual vivido pela Geografia é portanto um momento de embate Teórico metodológico realizado em 3 frentes: entre a Nova Geografia e a

Geografia Tradicional de um lado; entre a Geografia Crítica e a Geografia Tradicional de outro e ainda entre a Nova Geografia e a Geografia Crítica.

Na prática hoje não há condição de se afirmar que a hegemonia é desta ou daquela corrente. O que pode estar havendo em primeiro lugar, aparência de uma grande confusão, entre a maioria dos Geógrafos que se vê derrepente ao seu redor por uma discussão pela qual não tem participado. É a partir desse debate que poderá nascer a hegemonia de uma determinada corrente.

A Geografia revela ainda uma alma dualista: oscila e continua oscilando entre determinismo e possibilismo; entre naturalismo e historicismo, entre uma causalidade materialista e um finalismo determinado; isto é, de um lado, tende-se a considerar como real somente a necessidade ou causalidade material, de outro considera-se como real somente o finalismo ou a liberdade da ação humana.

Toda essa discussão está calcada fundamentalmente no desenvolvimento da vida social, política e intelectual que em geral está condicionada pelo modo de produção de nossa vida material considerando que o Homem é resultado do que ele efetivamente produz e não só o que ele pensa de si.

Nessa interação entre a produção social da existência dos Homens e sua vida intelectual é que se encontra a explicação para os debates entre as diferentes correntes do pensamento hoje tratados na Geografia.

3 - A GEOGRAFIA A CONSTRUIR: A OBJETIVIDADE COMO VIR-A-SE

As condições analisadas anteriormente merecem uma avaliação frente as mudanças no mundo ocorridas desde a Após-Guerra. A nova divisão internacional do trabalho impõe novas questões, entre elas a primordial preocupação não mais com a formação da estrutura social, porém pelo debate a respeito do movimento dessa estrutura.

Várias transformações vieram a afetar os paradigmas da ciência, da literatura e das artes a partir do fim do século XIX. A condição do saber viu-se alterada nas sociedades mais desenvolvidas, principalmente ao que se refere ao social e ao cultural. Até esse período, a técnica empurrou a ciência e a cultura para limites desconhecidos;

agora com a crise mundial, ciência e cultura começam a retomar sua determinação sobre a técnica. As sociedades entram na chamada era pós-industrial e as culturas na era chamada pós-moderna.

Uma das consequências mais importantes da pós-modernidade é que a finalidade da vida passa a ser uma questão individual, passando a apresentar uma problemática singular em que a flexibilidade torna-se necessidade no plano do comportamento, do saber, nas relações e na questão cultural.

Esse novo esforço teórico vem desenvolvendo-se na direção da solução de um problema de teoria do conhecimento que pode explicitar-se como segue: a relação homem natureza em geografia é a relação população - espaço. Espaço não apenas no entendimento de espaço de ocorrência de manifestação mas espaço como produto e como produção ou seja, como valor de uso e de troca e como valor a ser produzido.

A relação população-espaço adquire agora um significado específico no pensar geográfico: a destruição do ambiente natural assim como seus usos ou abusos atinge a relação homem-natureza como população que se vê privada de elementos essenciais a vida, em relação ao espaço físico que se vê destituído de seu valor. O físico e o modo natural de pôr-se o ambiente em que vive a superfície da Terra como sua morada, antes que sua moradia (Hartshorn, 1978).

A questão ambiental e a questão social apresentam-se inseparáveis. A natureza deve aparecer como recursos e como meio de vida; a sociedade aparece como sujeito de que a população é aquela base e sujeito de todo o ato social da produção.

A geografia na perspectiva de uma população tem estado alheia ao espaço social como algo que se define a partir do direito social ignorando desta forma o aspecto político desta questão.

Na perspectiva de uma geografia que se baseia na população como sujeito de todo ato social, encontra-se atualmente no dilema de ultrapassar suas limitações.

É preciso abrir espaço na geografia, onde o futuro se põe na prática cotidiana.

Trata-se de esboçar os pensamentos da unidade do conhecimento da relação população-espaço sem exclusões ou limitações. É o "ver" geográfico configurando-se principalmente na percepção do espaço em todas as suas relações, isto é, natural e humana.

A proposta de um estudo geográfico voltado para a análise dos fenômenos humanos surge na história moderna colocando a população como objeto primordial. Daí deriva uma concepção geográfica a partir do espaço vivido e da territorialidade como significação, de inspiração fenomenológica. É uma geografia refletindo acerca da sociabilidade e do campo simbólico. Uma geografia política dos atores sociais, onde a influência da tecnologia, das rede de informação, e de mídia está contemplada numa argumentação sólida.

Então há um novo de pensar, sentir e agir. Uma nova sensibilidade que altera a relação sujeito-objeto, definindo uma subjetividade-objetividade nova.

A pós-modernidade parece definir, assim, novos parâmetros, olhando com serenidade e distanciamento, o moderno que se esgota enquanto parâmetro e não enquanto forma.

Dessa forma esboça-se uma relação complexa onde a população é sujeito e objeto do fazer-se Geografia enquanto o espaço é infraestrutura e superestrutura do fazer-se Geografia.

Esta realidade deste ponto de vista impõe-se na geografia a qual encontra-se carente de fundamentos capazes de dar conta desta nova e complexa relação.

4 - E A PESQUISA GEOGRÁFICA?

Partindo-se dos pressupostos da Geografia da pós-modernidade onde a relação população-espaco passa a ser de cabida importância para nosso projeto, passa-se então a ter como enfoque central geográfico como os sujeitos históricos (re)constróem continuamente suas formas de pensar, de vida e etc. É reconhecer a sociabilidade cotidiana desses sujeitos, à partir do qual pode-se problematizar seu trabalho abandonando hipóteses pré-estabelecidas.

Diante destas primeiras reflexões consideramos que o interesse e a preocupação principal de nossa pesquisa é o conhecimento dos sujeitos (pescadores impactados pela construção da UHE Porto Primavera), os agentes do processo de desapropriação, relocação, suas experiências, suas histórias de vida. O objetivo a ser

trabalhado e o significado das experiências de vida dos pescadores a partir da evidência do alagamento do espaço onde eles vivem.

Portanto, tentar descobrir quem são os sujeitos históricos agentes do processo de alagamento, o que pensam, como percebem, que visão possuem das vivências, que reelaboração fazem ou não de seus valores, são as reflexões que pretende-se abordar em nossa pesquisa.

Pensar a produção do conhecimento histórico tendo como objetivo recuperar a problemática vivida pelos sujeitos, é necessário que o pesquisador acompanhe o processo de constituições do sujeito sobre sua experiência: Sendo assim, a problematização é contínua, acompanhando o trabalho todo: é o movimento constante que vai do empírico à teoria e vice-versa, demandando a elaboração ou reelaboração de noções, conceitos da categoria de análise, porque tais elementos por mais abstratos que sejam, surgem de engajamento empíricos e do diálogo com as evidências.

Problematizar nesse caso é dar voz aos sujeitos históricos.

Nesse procedimento o pesquisador interroga os agentes sociais a partir de sua postura e se deixa interrogar por esses agentes.

5 - PALAVRAS FINAIS (?)

Este trabalho foi desenvolvido à partir das idéias desenvolvidas e discutidas sobre a modernidade e a pós-modernidade frente à questão da Geografia e o conhecimento.

Muito ficou para se discutir. Muito ainda resta a desenvolver. Porém a oportunidade posta articulada com a realidade levou à reflexão. Esta, afetou e afetará o meu pensar científico. É a abordagem pós-moderna se impondo no entendimento do cotidiano como novo paradigma sócio-cultural e científico.

Muito há o que ler e o que fazer. É bom que seja assim.

6 - BIBLIOGRAFIA:

01. SANTOS, J.F. O que é pós-modernidade. Ed. Brasiliense, 8ª ed. 1986.
02. SILVA, A.C. Geografia, pós-modernidade e cultura: uma aproximação ao objeto. Mimiogr. 1993.
03. -----Geografia, pós-modernidade e subjetividade: a questão do sujeito. Mimiogr. 1993
04. -----A geografia e a totalidade em crise de fundamentos. Mimiogr.
05. -----Ontologia analítica: teoria e espaço. Mimiogr. 1991.
06. -----Geografia, modernidade e pós-modernidade. Mimiogr. 1993.
07. -----A geografia e a nova subjetividade-objetividade. O real como apresentação de uma espacialidade singular. Apostila do Curso Epistemologia da Geografia Humana. P. Prudente, 1993.